

Tecido Royal

(a propósito de «Máquina Royal» de Pompeu Miguel Martins)

por João Ricardo Lopes

... a hora de partir para qualquer lado onde não soubesse das horas...

Pompeu Miguel Martins, “Máquina Royal”

Na já considerável bibliografia de Pompeu Miguel Martins, «**Máquina Royal**» assume-se como um dos seus trabalhos mais arrojados, labirínticos e multifacetados, carreando ao longo das suas trezentas e cinquenta e duas páginas uma escrita luminosa, de que sobressai numa análise primeira o cunho poético e intimista de muitas delas, vindo juntar-se-lhes a pouco e pouco um veemente olhar social e até mesmo político *em e por* reacção ao palco “estranhamente surpreendente” do mundo.

Inscribe-se, de acordo com o subtítulo, na tradição diarística de que se tornaram ícones, entre outros, Bruce Chatwin, Massimo Gorki, Anne Frank, Miguel Torga, ou Vergílio Ferreira, oferecendo-nos das “coisas” a visão capciosa do poeta, alicerçada ao rigor do sociólogo, não se esquivando às grandes questões do nosso tempo, nem tão pouco às pequenas questões, tessiturando um corpo multimodo de apontamentos e impressões, um corpo de escrita, interrogativo, itinerante, poético sem dúvida, acerca dos dias, do Homem, das linguagens que se procuram e se bastam no íntimo da alma humana: “O passar dos dias é lento e vertiginoso ao mesmo tempo. Só quando a ausência nos preenche é que se percebe quantas horas se gastaram com expressões vazias de sentido, com gestos sem interlocutor, com feridas rasgadas sobre a pele de corpos que não existiram ou que não significaram.” (p. 226)

Poderemos dizer que este “corpo” se revela fundamentalmente “agasalho” de palavras e de convicções, transportando consigo a consciência individual, o invólucro da existência em que se consoma o devir do autor, as suas vivências imateriais e concretas, os dias que “... correm com uma marca, na sua essência, líquida. Tão líquida e transparente como as lágrimas que soltamos, em tempo real, se, percebermos que todo nos atraca ao sofrimento ...”. (p. 53)

Assim, e do mesmo modo que “fazer uma escultura não é senão retirar à pedra o que está a mais” (citação feita a Henry Moore, p. 304), também por exclusão de tudo o resto, vê-se emergir o corpo do “Eu”, epicentro de um mundo que entre 19 de Setembro de 2003 e 19 de Setembro de 2004 Pompeu Miguel Martins partilhou no seu blogue e que agora colige, sendo evidente a grande flutuação de temas e inclusivamente a existência de mais do que um apontamento na mesma “entrada” cronológica.

São notórios em «**Máquina Royal**» diferentes “leitmotivs”, ou se preferirmos diferentes “pontos de partida”, diferentes “pólos de análise” — afectivos, literários, filosóficos, culturais, sociais, políticos — que nos engastam num caleidoscópio de personagens e pessoas, cenários fílmicos, reflexões, memórias, diálogos interpoéticos, lugares e datas, princípios e rupturas, ciclos e contra-ciclos, a partir dos quais se abre (e se reconstitui) o lugar da existência, o espaço habitado e sem definição do “SER”: “Dia após dia, o meu encanto aumenta pelos lugares e pelas situações e pelas pessoas e pelas obras onde se possa morar, nem que seja por um bocadinho, e continuar aí o discurso, e deixar aí um pouco do irrepetível sentido por nós ...”. (p. 141)

Em perfeita coerência com o que vem publicando desde “**Os lugares e os dias**” (1998), Pompeu Miguel Martins inscreve a sua escrita diarística num dos vértices, senão mesmo no vértice da Literatura, na sublimação do dizer, na procura do “Belo”, pelo que página a página sentimos o avolumar-se de uma prosa que não raras vezes se confunde (e se aquilata) como poesia. Leiam-se exemplarmente os textos “*Na gaveta, o silêncio*” (p. 162), ou “*A cortina*” (p. 204), de que faz extrair o excerto seguinte: “... Sobre os dedos, o tecido áspero das cortinas cheias de pó e de sol diluído em amarelecidos esquecimentos. Puxo a cortina vagarosamente, penso que é possível ser aquele mundo lá fora o mundo onde se ama uma pessoa, aquela que nos faz parecer impossíveis na sua fala, na maneira de olhar ou de desfazer sobre o nosso corpo em ruínas um corpo vigoroso de silêncio e música, docemente, como só o desejo.”

Uma das mais recorrentes e ostensivas presenças em «**Máquina Royal**» é a dos grandes mestres da pintura, as de Van Gogh, Dalí, Malevitch, Botero, Caillebotte, Matisse, Goya, El Greco, Gauguin, Picasso, Hopper, Vermeer, Modigliani, presenças evocadas sob a forma de luz ou de uma pertença antes do próprio corpo, acima do próprio tempo individual, presenças que se correspondem com o dia-a-dia e que o fecundam, que o inspiram, ou que contra ele permitem ainda o espaço nostálgico do tempo perfeito, das horas e das estações, dos gestos eternizados naquilo que nos parece um sopro perene e talvez supra-humano: “É difícil, nos tempos que correm, criar amanheceres que tenham a dimensão do «*Early Morning at Copld Spring*», pintado por Durand em 1850. Já são raras as árvores vistas como a estrutura de um acordar cheio de memórias, com uma sensual curvatura e um ser-se o que resta da noite anterior ...” (p. 135). Ou ainda: “Detenho-me [...]”

sobre o quadro «Nunca mais» de Paul Gauguin, e trago à memória as imagens do que li em «O Amante» de Marguerite Duras. [...] Deixo, com isto, que uma humidade distante povoe o que desejo para o semblante da manhã. Desapareço, despedaçando as réstias da civilização que hoje não importam.” (p. 255)

O próprio autor confessa que “Durante o processo de escrita, utiliz[a] com frequência o recurso a outras artes ...” (p. 169), talvez de facto recusando sujeitar-se à linearidade do quotidiano, talvez também neste particular deixando antecipar-se-lhe (a si e concomitantemente ao acto da palavra) uma predilecção por (in)determinados espaços, “lugares” que são igualmente memórias ou instantes, capazes de instaurar na ordem da vida uma espécie de inefabilidade. Resultam desse esforço por dizer o indizível, dessa tentativa de traduzir e fazer demorar o Homem no seu ilimite alguns dos mais extraordinários momentos de «**Máquina Royal**». Fica um exemplo: “... Regressaram as chuvas, o choro inesperado do verão, o choro como uma música que nos fala daquilo que não conseguimos ser, para estarmos mais próximos [...]. Somos um corpo lendário com as chuvas. Como a erva, alongamo-nos sobre a sua fresca quietude, sobrevoando em nós um prenúncio de céu estrelado e de um certo vento que nos trará o desejo, [...] as noites de verão, enluaradas, a afundarem-se assim sobre o corpo e a desaparecerem do mundo no mais fundo e íntimo de nós ...” (p. 323).

Como diarista, *lato sensu*, o autor de «**Contigo para um último dia**» persiste na busca daquilo que *no* quotidiano e *do* quotidiano escapa à opacidade das coisas comuns, aquilo que pode entender-se como a percussão mais forte de um batimento, como um halo de luz, como o gesto preciso que encandeia o coração. Emana e concorre, ao mesmo tempo, e para esse quotidiano uma intensidade lírica, que preenche de forma absolutamente notável os diálogos, e monólogos, e relatos confessionais, e também as dedicatórias, (“bilhetes”), e também os muitos apontamentos poéticos. Mensurável apenas pela palavra, a própria palavra parece banhar-se na delicadeza (podíamos citar tantos) de fragmentos como estes: “Não tenho palavras para exprimir o quanto existe de mim nas pessoas que amo. Por isso, mesmo quando estou ausente ou desaparecido, ando frequentemente no meio das ruas junto à multidão, no corpo e na voz daqueles que amo.” (p. 22); “Talvez a tarde sobreviva ainda/ se deixares descansar sobre o corrimão/ da casa, as memórias mais extensas do olhar./ Talvez escondas nas cortinas rendadas/ o que não foram nunca as privações da luz,/ a luz bordada pela intuição das dunas ...” (p. 189); “... Passo pelas cidades e pelos campos e pelas ruas à espera de poder, por instantes breves que sejam, deixar uma marca, perceber uma história, enternecer-me ou simplesmente deixar que o silêncio se encarregue de ser mais alto que as vozes ...”. (p. 205)

Curiosamente, é pelo título que nos aproximamos de outra das facetas mais importantes deste livro. Talvez a sugestão omnipresente da máquina de escrever, nos ofereça de «Máquina Royal» a ideia de uma literatura laboriosa, constante, actualizada sempre no confronto diário com as mutações do tempo e do mundo (como de Hemingway se diz), não ao serviço de uma qualquer causa concreta, mas ao dispor de um humanista e de um apaixonado pela própria literatura. Não nos surpreende que Pompeu M. Martins se multiplique entre o hínico (do que celebra) e o crítico (do que censura), como o fez significativamente, num “post” escrito a propósito d’ «*A partida dos soldados da GNR para o Iraque*»: “... Nem crenças, nem ideologias, nem disputas fundamentalistas deverão servir de base à limitação do exercício das liberdades individuais. Apenas o outro deverá ser o limite, numa perspectiva de tolerância e de compreensão pela diferença. É na diversidade que os Homens se completam. Contudo, a decisão da Guerra não foi a mais ajustada. [...]”. (p. 77)

Reconheceremos neste diário passagens semelhantes, testemunhos de um olhar aceso e inequivocamente comprometido com o Homem, um olhar que não pode eximir-se à abordagem crítica da nossa civilização tal como ela se configura. Releia-se, exemplarmente: “Passei a tarde em Santiago de Compostela. Aproveitei para rezar [...] sem o rosto de um Deus filiado numa só religião, mas com um Deus único, capaz de vestir-se das inúmeras Histórias do Mundo [...]. Gostava de entrar em Igrejas e ouvir falar os nossos sacerdotes acerca das grandes questões que nos movem desde sempre [...] para que as homílias acrescentassem, ajudassem, libertassem [...]” (pp. 30-31). Um outro exemplo: “Os novos patrões [...] desconhecem geográfica e economicamente o Oriente que nos invade de produção escrava, mas sabem com rigor o caminho mais rápido, após terem ganho os seus primeiros oito mil contos, para o stand da BMW ou da Mercedes mais próximo da sua empresa ...” (p. 172).

Já acerca de outros trabalhos de Pompeu Miguel Martins foi dito lavrar na sua escrita o mesmo fogo que anima os grandes escritores de todos os tempos, sendo que tal é válido pela dimensão invulgar a que se reportam e se elevam os contornos humanos do seu pensamento e a sensibilidade dúctil dos seus poemas. Guardámos para terminar uma última citação. Podia ser a primeira: “Sabes, mãe, há vezes em que os passos são profundos, são pesados. O caminho não tem mais o mel da infância e o odor dos amores-perfeitos e das tílias. [...] Um dia havemos de ser eternos e não teremos por isso muito tempo para pensar, nem deixar que as coisas se apaguem [...]”. (p.82)

João Ricardo Lopes